

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15208 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A LITERATURA INFANTOJUVENIL EM UM PROCESSO DE LETRAMENTO RACIAL: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR ANTIRRACISTA NA AMAZÔNIA

Ivanil Magalhães da Silva - Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos Farias - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A LITERATURA INFANTOJUVENIL EM UM PROCESSO DE LETRAMENTO RACIAL: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR ANTIRRACISTA NA AMAZÔNIA

Resumo: Este resumo expandido tem por objetivo problematizar as práticas pedagógicas sobre a questão racial no currículo escolar, por meio da literatura infantojuvenil, com foco na valorização das diferenças, em encontros formativos com docentes a educação básica. Tais encontros discutiu a naturalização de práticas colonialistas e suas interferências no cotidiano dos alunos/as quanto ao tema. Trata-se de uma pesquisa aplicada, de natureza interventiva, em que se desenvolveram ações na/para a escola, com características metodológicas pós-críticas. Participaram da pesquisa 17 pessoas, professores e estudantes de uma escola pública de Corumbiara - RO. As ações realizadas consistiram em rodas de conversa, oficinas de leitura, teatro de fantoches, entre outras, no intuito de se ouvir e oportunizar aos/às estudantes e professores envolvidos/as, discutirem acerca dos acontecimentos provenientes da herança colonial referente ao racismo estrutural. Os resultados apontam que as intervenções contribuíram e fomentaram estratégias de combate ao racismo no currículo da escola, considerando-se a ampliação do uso da literatura infantojuvenil como instrumento pedagógico a favor da valorização da diferença para os afro-brasileiros, além de contribuir com a formação continuada dos professores com o letramento racial.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; Formação de professores; Literatura infantojuvenil antirracista.

Introdução

Promover educação antirracista no ambiente escolar ainda é uma ação desafiadora. A colonialidade se enraizou após o colonialismo e ainda permanece; essa situação exige de nós uma intervenção teórica e prática, a favor dos afro-brasileiros. Em diálogo com Almeida (2018), pontuamos que o racismo transcorre da estrutura social, o que exige uma luta constante contra o chamado racismo estrutural - uma vez que ele excede o individual e o institucional e abrange o racismo epistemológico - denunciando um modo de pensar dominante do homem branco europeu, que está enraizado em nossa sociedade. Assim, propomos um olhar para o currículo escolar em prol de uma educação antirracista, que valorize as diferenças (Almeida; Sanches, 2017).

Preocupamo-nos com o cotidiano das crianças afro-brasileiras no espaço escolar e

como o currículo tem contemplado seus valores, uma vez que a sociedade e até mesmo o meio acadêmico negam a existência do racismo (Kilomba, 2019). Precisamos desmistificar esses acontecimentos no âmbito escolar com as novas gerações, transmitindo conhecimentos condizentes com suas necessidades e dando-lhes oportunidade de falar, despidendo-nos de estigmas pejorativos em torno de sua classe, cor, linguagem e cultura.

Nesse entendimento, o presente resumo expandido é resultado de uma pesquisa realizada e aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa – CEP, com o propósito de “problematizar práticas pedagógicas sobre a questão racial no currículo escolar, por meio da literatura infantojuvenil, com foco na valorização das diferenças”. As intervenções partiram das seguintes questões:

Como os estudantes da escola pesquisada compreendem a valorização racial e a questão afro-brasileira e as diferenças etnoculturais?

Quais conhecimentos os estudantes têm sobre a literatura infantojuvenil, pautados na valorização da identidade da população negra?

Como a ludicidade e a crítica construtiva presentes na literatura infantojuvenil contribuem com a aprendizagem da questão racial na escola?

Nesse encalse, seguimos narrando o percurso desta pesquisa realizada na região Norte do Brasil, onde dialogamos com professores e estudantes, em um propósito decolonial, problematizamos intervindo para uma educação antirracista, utilizando a literatura infantojuvenil como um instrumento pedagógico propício para desconstruir estereótipos que recaem sobre os afro-brasileiros, agregando ao cotidiano escolar narrativas que propiciam a valorização racial e favorece o cumprimento da Lei 10.639/2003.

Metodologia

Realizamos uma pesquisa pós-crítica, na qual dialogamos com Meyer e Paraíso (2012, p. 15):

[...] a maior parte das correntes teóricas denominadas pós-críticas não se referem a um método de pesquisa, no sentido usual do termo. Algumas delas - como os estudos culturais, os estudos queer, o pós-feminismo - dizem explicitamente que a metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas.

Desse modo, desenvolvemos um trabalho conjunto com a equipe gestora, envolvendo rodas de conversa, registros fotográficos, gravação de conversas, produção de texto com

linguagem verbal e não verbal, oficina de leitura e teatro de fantoches, registro em caderno de campo e análises das atividades desenvolvidas.

Meyer e Paraíso (2012, p. 25) explicam que “a desconstrução usada por Jacques Derrida, apesar de sua insistência em ressaltar que não é método, também nos oferece modos de problematizar os textos e as estratégias para desconstruí-los e analisá-los”. Desse modo, problematizamos os fatos; e a construção do *corpus* da pesquisa de intervenção foi feita a partir da discussão de todo o processo, e de ações que o corpo docente propôs realizar durante o percurso formativo interventivo voltados para a questão racial.

Os caminhos da pesquisa

Trilhamos algumas ações que nesse resumo recebem o nome de passos e nesse, elencamos os principais pontos.

Passo I – Relata sobre a apresentação do projeto para a escola e o acolhimento, primeiramente pela diretora, no momento discutimos sobre a naturalização do racismo. Dentro da proposta do projeto, concordamos que agregar ao acervo a literatura afro-brasileira é essencial para trabalhar a valorização racial, pois mesmo com o seu caráter lúdico, ela tende a valorizar a autoestima das crianças negras e conscientizar as demais sobre os valores fundamentais para uma boa convivência na sociedade, como empatia e respeito a cultura do outro (Thiél, 2013).

Passo II - Foi o momento de falar com as professoras do 5º ano, para que contassem como regem sobre a questão racial e inicialmente, percebemos que as professoras estavam visualizando o racismo como um fato isolado. Elas relataram sua preocupação com a reação dos pais dos estudantes ao abordarem essa temática e que não adentram muito no assunto por não se sentirem preparadas, por muitas vezes se culpabilizavam (Tardif, 2006). Durante a conversa com os docentes, percebemos que trabalham conforme o livro didático questões relacionadas a contribuição cultural dos povos africanos, como a arte e a culinária, falam para os estudantes que é preciso ter respeito com todos, independentemente da cor, finanças e religião, pois todos somos “iguais”, porém sem adentrar na problemática que a população negra ainda vive.

Elas consideram que falar do racismo pode vir a ser um agravante, acreditam que se a pessoa negra reclamar do crime racial sofrido, potencializará o racismo contra si mesma. Além do mais, consideram que todos sofrem preconceito na vida, por um motivo ou outro. Porém, após, alguns momentos de conversa elas relataram que algumas crianças não demonstravam orgulho de afirmarem a sua descendência afro-brasileira, fato que reforça a visibilidade da necessidade de trabalharmos a valorização racial, para que a criança negra passe a se orgulhar de quem é, nesse sentido, essa troca entre pesquisadora e docentes foi se transformando em formação por meio da desconstrução do posicionamento da equipe escolar.

Passos III – Após os trâmites legais, ouvimos os estudantes participantes da pesquisa, iniciamos com uma conversa individual para posteriormente realizar a roda de conversa, na intenção que um estudante não influenciasse a fala do outro. A maioria dos estudantes relataram que o personagem preto que conheciam na literatura era somente o saci, que não viam histórias com personagens negros, que nos livros que haviam lido tinha somente personagens brancos. Um aluno relatou já ter presenciado bullying no contexto escolar quando pela descrição notamos ser “racismo”. Conversamos com uma estudante negra, que decidiu dividir suas vivências em relação ao racismo, foi um momento que afetou todos os envolvidos, podemos notar pela forma ligeira e ofegante que se expressou revivendo a dor a ponto de não conseguir mais falar, momento que necessitou de nossa mediação cautelosa.

Os estudantes se entusiasmaram com os livros literários com personagens e protagonistas negros disponibilizados; e no decorrer dos dias a escola seguiu preparando a Semana da Consciência Negra, de modo que desenvolveram várias ações junto ao incentivo que o projeto fomentou, em prol de práticas decoloniais na escola. A equipe gestora realizou a 1ª Oficina Literária em valorização da cultura africana e afro-brasileira na escola para todos os estudantes, deixando exposto durante todo o mês de novembro no pátio da escola.

Junto a essas ações, haviam programado para o mês de novembro um evento de nome “O Cabelo Maluco”, já conhecido em todo o Brasil.

Passo IV - Esses passos relatam sobre os enfrentamentos que a escola teve em realizar algumas ações programadas pela escola, como foi o caso do desfile “A beleza Negra na escola”, onde algumas pessoas da comunidade escolar confrontaram. Também compreendemos que o evento “Cabelo Maluco”, que a escola tinha programado, seria na abertura da “Semana da Consciência Negra” e não um dia isolado, sendo assim, foi necessário alertar o grupo escolar que não seria o momento mais adequado para o evento, que poderia dar um sentido contraditório as intenções da escola, portanto, justificaram dizendo que não havia mais como mudar, uma vez que a data estava muito próxima; e de tal modo continuaram, frisando que: “ser diferente é ser normal” Parolin (2005, p. 19); e acrescentaram, “não sei para fora da nossa região, mas aqui, a expressão maluco é top, maneiro, estiloso, não é visto pelo significado original da palavra”, mas para evitar interpretação equivocada, reveriam a data no próximo ano, já que os estudantes gostam desses programas diferentes na escola. Assim, o evento aconteceu com sucesso e participação da comunidade escolar.

Passo V – Foi a culminância das ações do projeto de pesquisa interventiva, com a realização do teatro de fantoches realizado pelos participantes da pesquisa, tinha como teor a valorização cultural, com a contribuição direta dos professores e gestores nos ensaios.

Alguns resultados

Os estudantes participantes, por sua vez, a seu modo, relataram como percebem a pessoa negra inserida no currículo escolar por meio das literaturas, livros didáticos e nas aulas. Ouvimos estudantes que vivenciaram, outros/as que presenciaram e que desconhecem o que é o racismo. A maioria deles nunca haviam lido obras literárias que tivessem ilustrações de protagonistas negros/as. Todo/as recordavam do Saci, pois a pesquisa aconteceu logo depois do dia do folclore. No entanto, lembravam de personagens brancos e, quando lembravam de um personagem negro, não lembravam o nome, por mais que se esforçassem e buscassem na memória.

Sobre como veem o negro no livro didático e nos livros estudados, as crianças relataram que devemos respeitar as pessoas, pois todos somos “iguais”. Apenas um garoto mencionou o ensinamento da professora sobre as imigrações e a formação do povo brasileiro.

Os participantes disseram que havia pouco conhecimento sobre a literatura infantojuvenil pautada na valorização do povo negro. Durante a realização da pesquisa na escola, alguns participantes usaram o termo “cor de pele”, discurso que continua priorizando o branco como padrão, o que pode ser problematizado no sentido de alfabetização racial.

Considerações finais

Neste texto, o objetivo é problematizar as práticas pedagógicas sobre a questão racial no currículo escolar, por meio da literatura infantojuvenil, com foco na valorização das diferenças, em encontros formativos com docentes da educação básica. Constatamos que a ludicidade e a crítica construtiva presentes na literatura infantojuvenil contribuem com a aprendizagem da questão racial para o currículo escolar, de uma forma leve e prazerosa;

Houve pontos exitosos, como o envolvimento de professores e alunos, o surgimento da 1ª feira literária em valorização da cultura africana e afrobrasileira na escola pesquisada, alunos que passaram a se auto reconhecerem e se autovalorizarem como negros por meio das intervenções, conscientização de estudantes e professores sobre o respeito as diferenças.

Pontos desafiadores, como a resistência de alguns em relação as ações programadas na escola, o tempo curto para encaminhar a pesquisa dentro das demandas do calendário escolar, podemos presenciar a dificuldade do corpo docente em trabalhar a Lei 10.639/2003 por carência de letramento racial.

Com esta pesquisa que problematiza a formação de professores e a literatura infantojuvenil em um processo de letramento racial, bem como, discute os desafios da educação escolar antirracista na Amazônia, foi possível somar com ações que lutam por políticas públicas efetivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Retrato, 2018.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHES, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003: competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Proposições**, Campinas, v. 28, n.1 (82), p.55-80, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-014>.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: Acesso em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 12 mar. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo no cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. (organizadoras). Belo Horizonte: Mazza, 2012.

PAROLIN, Isabel Hierro. **Professores formadores**: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem. Curitiba: Positivo, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

THIÉL, Janice. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: EDREAL, 2013.